

ASPECTOS SEMÂNTICOS E PRAGMÁTICOS DA LIBRAS: Abordagem no contexto sala de aula

LIMA, M. A. C.B (1); ARAGÃO NETO, M. M. (2)

(1) Especialista em Gestão e Avaliação da Educação Superior. Mestranda em Informática pela UFPB. Técnica em Tecnologia da Informação da PRPG-UFPB. E-mail: manuella.lima@lavid.ufpb.br

(2) Doutor em Linguística. Professor Adjunto do DLCV/CCHLA/UFPB. E-mail: magdiel_man@yahoo.com.br

RESUMO

A Libras é uma língua e foi oficialmente reconhecida como língua nacional brasileira através da Lei nº 10.436/02. Deste modo, a Libras é objeto dos estudos linguísticos podendo ser desenvolvidos em cinco áreas (fonologia, morfologia, sintaxe, semântica e pragmática). O trabalho em tela objetiva identificar a abordagem dos aspectos semântico-pragmáticos da Libras, no âmbito da sala de aula do Ensino Básico. Em busca desta meta é realizada uma pesquisa exploratório-descritiva, com abordagem qualitativa, tendo como locos duas escolas de Ensino Básico de João Pessoa. Utiliza-se como instrumento para a coleta de dados a revisão bibliográfica, a análise documental, a entrevista e a observação participante.

Palavras-chave: Libras; Semântica; Pragmática; Educação Básica

1. INTRODUÇÃO

Sabendo que os estudos linguísticos podem ser desenvolvidos em cinco áreas (fonologia; morfologia; sintaxe; semântica; e pragmática) e compreendendo que os aspectos fonológicos abordam as configurações do sinal, os morfológicos tratam da estruturação e classificação das palavras/sinais, e os sintáticos referem-se às regras necessárias para construção de sintagmas e sentenças, torna-se fácil inferir que estes três são comumente os mais trabalhados no âmbito da sala de aula.

No entanto, compreender as ações e intenções enunciativas sem considerar o significado e o contexto é desprezar um importante aspecto do psicológico e cognitivo humano. É sob esta perspectiva que construiremos o raciocínio apresentado no presente trabalho que possui como objetivo geral identificar a abordagem dos aspectos semânticos e pragmáticos da Libras no ambiente sala de aula do ensino básico.

Como objetivos específicos aspira-se observar como estes aspectos são trabalhados em sala de aula do ensino básico, níveis fundamental e médio; e relatar as observações realizadas na Escola Municipal de Ensino Fundamental (EMEF) Prof. Dumerval Trigueiro Mendes e na Escola Estadual de Ensino Fundamental (EEEF) Professora Maria Geny de Sousa Timóteo.

2. O QUE É A LIBRAS?

Antes de falarmos sobre a Libras é importante que atentemos sobre dois conceitos inerentes a esta discussão e objeto de estudo da linguística, são eles: língua e linguagem.

A linguística, segundo Quadros e Karnopp (2004, p. 15), é a ciência que desenvolve “estudo científico das línguas naturais e humanas”. De acordo com estas autoras a linguística se detém a explicar os fatos linguísticos, ou seja, descrever as línguas e esclarecer os eventos comuns a elas. Além disso, essa ciência tenta explicar os princípios que determinam a linguagem humana e conseqüentemente a existência de diversas línguas.

Cabe ressaltarmos que a linguística é dividida em diversas áreas, e cada uma se concentra em estudar determinados aspectos da linguagem. As áreas centrais que compõem esta ciência são: fonologia, morfologia, sintaxe e semântica. Há ainda outras áreas que subsidiam os estudos linguísticos: fonética, pragmática, sociolinguística, psicolinguística etc.

A fonologia, conforme Callou e Leite (1990, p. 11) “estuda os sons do ponto de vista funcional como elementos que integram um sistema linguístico determinado”. Sendo assim, estuda as diferenças fônicas intencionais e distintivas, ou seja, a forma da expressão (fonema). Enquanto a fonética estuda os sons diante das suas particularidades articulatórias, acústicas e perceptivas, de forma independente, tratando portanto, da substância da expressão (fone).

No que se refere à morfologia, conceituamos comumente como “o estudo da estrutura interna das palavras, ou seja, da combinação entre os elementos linguísticos que formam as palavras e o estudo das diversas formas que apresentam tais palavras quanto às categorias de número, gênero, tempo e pessoa, por exemplo” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 19). Já a sintaxe estuda os aspectos relacionados à estrutura da frase, em especial no âmbito de como o emissor transmite a mensagem e a maneira como organiza e relaciona as palavras.

Por fim, a semântica e a pragmática que são bases deste trabalho. A semântica tem como foco de estudo a significação e segundo Bolgueroni e Viotti (2013) ela se concentra no estudo da relação entre as expressões linguísticas e o mundo. A pragmática, de acordo com Quadros e Karnopp (2004), é que esta área estuda a língua considerando o contexto linguístico do uso, o seu uso e os princípios de comunicação. O presente trabalho trata sobre os aspectos semânticos e pragmáticos da Libras verificados no ambiente sala de aula. Fiorin (2010) complementa que a pragmática é a ciência do uso linguístico que tem como objeto de estudo a utilização da linguagem, por exemplo, em atos enunciativos.

Entendemos do que trata à linguística e conhecemos as suas áreas de pesquisa, passaremos a definir língua e linguagem. Para Saussure (2006, p. 17)

[...] não se confunde com a linguagem; é somente uma parte determinada, essencial dela, indubitavelmente. É ao mesmo tempo um produto social da faculdade da linguagem e um conjunto de convenções necessárias, adotadas pelo corpo social para permitir o exercício dessa faculdade nos indivíduos. Tomada em seu todo, a linguagem é multiforme e heteróclita; o cavaleiro de diferentes domínios, ao mesmo tempo física, fisiológica e psíquica, ela pertence além disso ao domínio individual e ao domínio social; não se deixa classificar em nenhuma categoria de fatos humanos, pois não se sabe como inferir sua unidade. A língua ao contrário, é um todo por si e um princípio de classificação. Desde que lhe demos o primeiro lugar entre os fatos da linguagem, introduzimos uma ordem natural num conjunto que não se presta a nenhuma outra classificação.

Portanto, o caráter social e dicotômico da linguagem dando aspectos dinâmicos a esta confluem para o entendimento da linguagem ser um fenômeno natural e da língua ser um fenômeno social (GARCIA, 2009). Consequentemente, pode-se inferir que toda língua é uma linguagem, porém nem toda linguagem é uma língua.

Corroborando com esta afirmação, Saussure relata que a linguagem “repousa numa faculdade que nos é dada pela Natureza, ao passo que a língua constitui em algo adquirido e convencional, que deveria subordinar-se ao instituto natural em vez de adiantar-se a ele” (2006, p. 17).

A partir desta relação entre linguagem e expressão do pensamento humano, chegamos à definição de língua natural humana e de acordo com Quadros e Karnopp (2004) o que a diferencia da comunicação animal são características, tais como:

- Flexibilidade e versatilidade: permite que o sistema de comunicação seja usado para diversos propósitos;
- Arbitrariedade: não exige uma relação de forma e significado, assim como, de estrutura gramatical entre as línguas;
- Descontinuidade: possibilidade de independência entre a forma e o significado;
- Criatividade/produktividade: possibilidade de construção de diferentes enunciados, para a mesma ação comunicativa;
- Dupla articulação: relação entre a camada de som e de unidades maiores para a produção de significado;
- Padrão: estabelecer um padrão de organização dos elementos;
- Dependência estrutural: entendimento da estrutura interna de um enunciado;

Assim, “a língua é um sistema padronizado de sinais/sons arbitrários caracterizados pela estrutura dependente, criatividade, deslocamento, dualidade e transmissão cultural” (QUADROS; KARNOPP, 2004, p. 28).

De tal modo, podemos entender a Libras como uma língua, pois ela possui regras gramaticais comuns à comunidade de indivíduos surdos do Brasil, variação linguística de acordo com a sua comunidade (dialeto), sistema fonológico, morfológico, sintático e semântico-pragmático próprios.

Neste sentido, também elucidamos o mito sobre a Libras ser originária da língua portuguesa. Gassi, Zanoni e Valentim (2011) afirmam que a Língua de Sinais Brasileira teve a sua origem através da Língua de Sinais Francesa e diferentemente da língua portuguesa que possui a modalidade perceptual oral-auditiva, Libras é gesto-visual ou espaço-visual.

Saussure (2006, p. 18) entende que “a faculdade – natural ou não – de articular palavras não se exerce senão com a ajuda de instrumento criado e fornecido pela coletividade”, portanto a língua é a unidade da linguagem. Sendo assim, a utilização de um instrumento criado e normatizado pela comunidade surda com a finalidade de efetivar a comunicação é uma língua. Sob esta perspectiva, percebe-se que a comunidade surda brasileira é aquela que faz uso da Libras para expressar os seus pensamentos.

Diante do caráter social da língua e da necessidade de comunicação e interação do indivíduo surdo brasileiro com a sociedade, em 2002, através da Lei nº 10.436 foi sancionada pelo então presidente da república Fernando Henrique Cardoso.

Apesar de ter sido reconhecida como língua em 2002, encontram-se estudos linguísticos, tendo como objeto a Libras, datados de tempos anteriores. Cientes desta informação passaremos a estudar os seus aspectos linguísticos da Libras.

2.1 ASPECTOS FONOLÓGICOS

Como visto, na seção anterior, a fonologia tem como objetivo identificar as unidades mínimas sonoras do sistema linguístico. Sendo assim, nas línguas oral-auditivas essas unidades mínimas são os fonemas e nas línguas gesto-visuais são os quiremas.

O fonema é o menor elemento sonoro que é capaz de distinguir significados em palavras, tais como: amor – ator; morro – corro; vento – sento, entre outros.

O quirema é a unidade mínima fonológica da língua de sinais, é visto como unidade formacionais do sinal, ou seja, é composto pela articulação entre os parâmetros da língua de sinais. Este é constituído por 5 parâmetros, são eles, configuração de mãos (CM), localização da mão (L), movimento da mão (M), orientação da mão (Or) e aspectos não-manuais dos sinais (NM) (QUADROS; KARNOPP, 2004). Estes quiremas, diferentemente dos fonemas, não obedecem a uma ordem linear para formar os morfemas (Figuras 1 a 4).

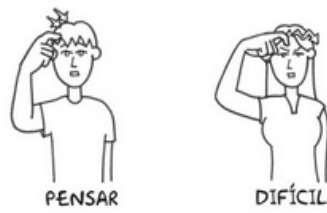


Figura 1: Alteração de movimento
Fonte: Choi et al, 2011



Figura 2: Alteração de localização
Fonte: Choi et al, 2011, p. 63



Figura 3: Alteração de Orientação da Mão
Fonte: Choi et al, 2011, p. 65



Figura 4: Alteração de expressão facial
Fonte: Choi et al, 2011, p. 65

A CM consiste na forma que a(s) mão(s) assume(m) na execução do sinal. De acordo com Faria e Assis (2010) foram mapeadas 61 posições em uso na Libras (Figura 5).



Figura 5: 61 CMs da Libras
Fonte: Faria; Assis, 2010, p. 178

O movimento é um parâmetro complexo e pode assumir uma variedade de formas e direções, podendo ser classificado de acordo com a taxonomia em tipo, direcionalidade, maneira e frequência. De acordo com a taxonomia o tipo identifica se o movimento é feito com as mãos, pulsos e antebraços; a direcionalidade informa se o movimento é unidirecional, bidirecional ou multidirecional; a maneira descreve a qualidade, tensão e velocidade do

movimento; por fim, a frequência refere-se à quantidade de repetições (QUADROS, KARNOOP, 2004)

Outro parâmetro é a locação, também conhecido como ponto de articulação, que nada mais é do que a “área do corpo, ou no espaço de articulação definido pelo corpo em que ou perto da qual o sinal é articulado” (KLIMA; BELLUGI, 1979, p. 50 *apud* QUADROS; KARNOOP, 2004, p. 57).

A orientação é a direção para a qual a palma da mão aponta na produção do sinal. Esta orientação pode sofrer alterações durante a execução do sinal (FERREIRA-BRITO, 1995).

Finalmente o parâmetro expressões não manuais que consistem nos movimentos da face, dos olhos, da cabeça e/ou do tronco. Tais parâmetros não manuais são relevantes especialmente para a semântica e a pragmática, pois, eles são importantes na formação do significado (semântica) e do local referencial (pragmática).

2.2 ASPECTOS MORFOLÓGICOS

Lembrando que a morfologia é o estudo da estrutura interna das palavras e sinais, é importante entender que diferentemente das línguas orais em que as palavras complexas, frequentemente, mas não exclusivamente, são criadas a partir da adição de afixos a uma raiz, na língua de sinais essa complexidade dos morfemas é resultado de processos não concatenativos, porque à raiz são adicionados movimentos e contornos no espaço de sinalização (KLIMA; BEGULLI, 1979 *apud* QUADROS; KARNOOP, 2004). Como exemplo da descrição anterior relacionamos os sinais de ‘OUVIR’ e ‘OUVINTE’, onde no primeiro o movimento de fechar a mão próxima ao ouvido é mais curto, enquanto que o segundo o movimento é mais repetido (Figura 2).

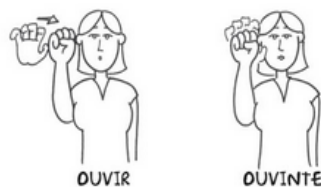


Figura 6: Sinal de ‘OUVIR’ e ‘OUVINTE’
Fonte: Choi et al, 2011

Desta forma o léxico da língua de sinais, assim como, em outras línguas, é intrincado possuindo o alfabeto, o léxico nativo e o léxico não nativo, conforme demonstrado na figura 2 de Brentari e Padden (2001 *apud* QUADROS; KARNOOP, 2004).

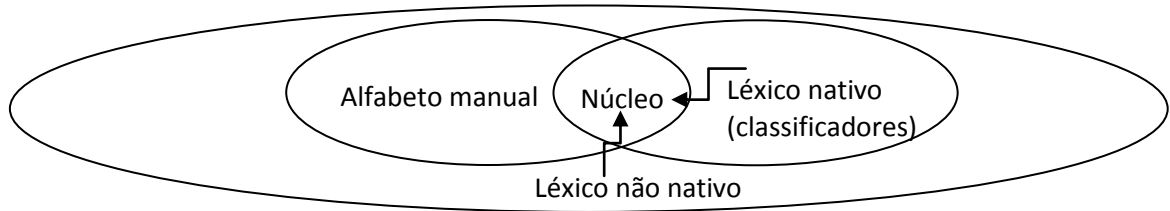


Figura 7: Léxico da Língua Brasileira de Sinais (Adaptada)

O alfabeto manual é constituído por sinais que representam as letras da língua oral, sendo este usado para soletrar nomes e palavras que não possuem representação na língua de sinais. O léxico nativo é formado pelos sinais próprios da Libras e o léxico não nativo é composto por palavras da língua oral soletradas em língua de sinais utilizando o alfabeto manual.

Destaca-se ainda as colocações de Bernardino (1999) aparada em Ferreira-Brito que ressalta o aspecto multidimensional da Libras parâmetros podem ser alterados através de modulações aspectuais, incorporação de informações gramaticais e lexicais, quantificação, negação e tempo.

2.3 ASPECTOS SINTÁTICOS

Retomando o conceito de sintaxe, que é identifica as relações dos elementos estruturais da frase, bem como, das regras que regem as orações. Fiorin (2010) entende que perceber como os itens lexicais de uma língua estruturam-se em uma sentença, é sintaxe. Passemos a refletir sobre os aspectos sintáticos da Libras.

A análise da sintaxe da Libras deve considerar o espaço de execução do sinal devido as relações sintáticas fazerem uso do sistema pronominal e nominal para este fim. Como exemplo, cita-se a diferença na execução do movimento dos verbos direcionais de acordo com o pronome que identifica o executor da ação (Figura 8).



Figura 8: Verbos direcionais
Fonte: Choi et al, 2011

Nesta perspectiva no discurso em Libras qualquer referência realizada estabelece um local no espaço de sinalização o qual servirá como local referente durante a execução do discurso (QUADROS; KARNOPP, 2004).

Como os referentes podem estar na situação de interação ou não, adota-se a regra de que na presença do referente os pontos de localização serão de acordo com a posição real, porém, se os referentes estiverem ausentes da cena os pontos de localização serão fixados de forma abstrata. Na Figura 9 observe que existe a identificação dos referentes ‘Maria’ e ‘João’ sendo assim a sinalização de discurso que envolva a personagem ‘Maria’ deve usar o local referente esquerdo para realização da correta adequação sintática do enunciado.

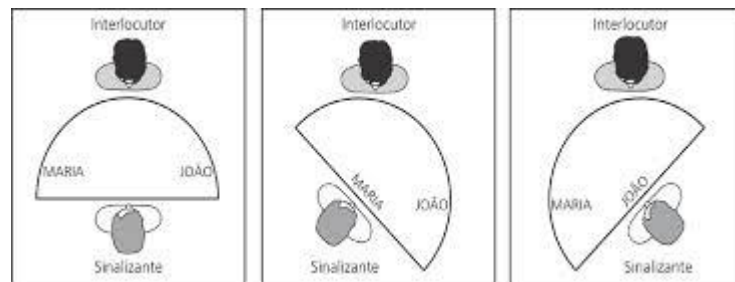


Figura 9: Definição do espaço de localização do referente

Os aspectos não manuais também são relevantes na sintaxe da Libras, visto que os enunciados possuidores de verbos com concordância (Figura 8) na sua formação obrigatoriamente devem ter esta marca (QUADRO; KARNOPP, 2004). Contudo, não é apenas nesta situação que os aspectos não manuais devem aparecer, visto que, na marcação da localização dos referentes também é necessário esse parâmetro.

Segundo Quadros e Karnopp (2004) existem dois trabalhos que mencionam a flexibilidade da ordem das frases na língua de sinais, mas apesar disso parece que existe uma ordem básica, que é a Sujeito – Verbo – Objeto (SVO). As mesmas autoras explicam que a flexibilidade da ordem das frases em Libras está relacionada com o mecanismo gramatical de topicalização, que consiste em na marcação não manual com a elevação das sobrelanceiras. A topicalização na língua de sinais, assim como, ocorre nas línguas orais, é usada quando se deseja dar ênfase a algo em especial no enunciado.

2.4 ASPECTOS SEMÂNTICOS E PRAGMÁTICOS

Retomando os conceitos de semântica e pragmática a primeira estuda o significado linguístico e a segunda estuda o significado resultante do uso linguístico. Além disso, entendemos que o sentido muitas vezes sofre influência do contexto pragmático, sendo este último tomado como o conjunto de circunstâncias em que a mensagem que se deseja

transmitir é emitida. Desta forma no presente trabalho optamos por trabalhar a semântica e pragmática em conjunto.

De acordo com Fiorin (2010, p. 138-139)

Dentre as várias possibilidades de investigação do significado, uma delas, se concentra no estudo da relação existente entre as expressões linguísticas e o mundo. Não se pode negar que uma das características importantes das expressões linguísticas é que elas são sobre alguma coisa. [...] Esse mundo sobre o qual falamos quando usamos a linguagem pode ser tomado como o mundo real, parte dele ou mesmo outros mundos ficcionais ou hipotéticos.

Assim, o significado é entendido como sendo a relação entre a linguagem e o que ela fala, ou seja, o mundo. Fiorin (2010) afirma que conhecer a verdade sobre a sentença é entender em que circunstância de mundo está será verdadeira ou falsa.

Então o significado linguístico do enunciado, em Libras, é influenciado substancialmente, de acordo com o que vimos na seção anterior, pelos aspectos sintáticos da classe morfológica ‘verbo’ (Figura 8 e 9). E segundo Silva (2006) esta classe morfológica também é bastante influenciadora das relações semânticas da língua. Tal fato dá-se diante de importância do conhecimento do sentido do verbo para entender o seu comportamento e consequentemente prever as suas propriedades sintáticas.

Substanciado com essa afirmativa Silva (2006) relata que as propriedades sintáticas e semânticas de um verbo, em Libras, determinam o comportamento deste, sendo a diferença de comportamento percebida de acordo com os *elementos dêiticos*¹. Sendo assim, os verbos em Libras quando classificados considerando suas características morfológicas e semânticas, de acordo com Felipe (2001) são enquadrados em:

- Verbos com flexão número-pessoal: o parâmetro de direcionalidade é um marcador de flexão de pessoa do discurso; Ex: _{1s}PERGUNTAR_{2s} “eu pergunto a você”
- Verbos com flexão para locativo: além da direcionalidade considera o ponto de articulação como parâmetro de flexão; Ex: MESA_k COPO coisa-arredondada COLOCAR_k “colocar copo na mesa”
- Verbo com flexão para gênero: os classificadores são os marcadores de identificação de gênero em Libras. Ex: _{pessoa}ANDAR, _{veículo}ANDAR/MOVER, _{animal}ANDAR

¹ Elementos linguísticos que indicam os participantes do enunciado ou o tempo ou o lugar. (FIORIN, 2010)

2.4.1 O Papel do Contexto

Um dos princípios da língua é comunicar e o da comunicação é fazer-se entender. É nesta perspectiva que Bernardino (1999) fala que alguém que deseja socializar informações deve fazer uso de uma linguagem e para se fazer compreender necessita que use as regras convencionadas pelo uso social, ou seja, deve usar uma língua. Acrescenta ainda, que a contextualização do discurso é importante para que o compartilhamento de conhecimento seja eficiente e eficaz.

Fiorin (2010) apresenta-nos que o enunciado do discurso é realizado em uma situação estabelecida pelos participantes da comunicação, pelo momento da enunciação e pelo lugar onde este enunciado é produzido.

Bernardino (1999) também relata que é importante o receptor da mensagem estar ciente daquilo que permeia os arredores do objeto discutido em uma cena, sendo este chamado de contexto intrínseco ao processo. Soma-se a este processo o conhecimento de mundo do receptor, ou seja, as experiências vivenciadas naquele momento, sendo este contexto denominado de incidental.

Como o entendimento da mensagem depende do conhecimento de mundo do receptor esta pode ser interpretada de forma distorcida, por isso, para se ter garantias da compreensão da mensagem o emissor deverá identificar três evidências durante o processo, são elas, co-presença física, co-presença linguística e pertencer a mesma comunidade (BERNARDINO, 1999).

A co-presença física é garantir que os interlocutores têm conhecimento do evento; a co-presença linguística é garantir que estão falando sobre o mesmo assunto e usam a mesma linguagem; e, pertencer a mesma comunidade, para garantir que eles estão falando de algo que elas entendem com o mesmo significado (BERNARDINO, 1999).

2.4.2 Construção do Significado

Marcuschi diz que (1999) o conhecimento linguístico é certamente adquirido e que o que é inato seria apenas um dispositivo para a aquisição da linguagem. Entretanto, a língua não seria adquirida diretamente da experiência e nem seria usada para referir diretamente o mundo. Fala que a língua não é um “retrato” da experiência, mas pode ser um “trato” desta, no sentido de que “nossas representações são projeções de um mundo elaborado mentalmente na base de experiências, não apenas individuais, mas socializadas e constituídas em discursos”; da mesma forma, o conhecimento

seria uma forma de relacionar, e não de copiar a realidade. Ele diz ainda que há muitos tipos de conhecimento envolvidos na linguagem e não apenas o linguístico e que o problema está em explicar como esses conhecimentos se integram para formar a cognição como um todo.

Em um processo centrado no contexto, os ouvintes usam a situação e o contexto da sentença para a compreensão do que o falante quer dizer. Quanto mais informações o contexto provê, maior é a confiança conseguida na construção do significado.

Portanto, a construção do significado não é realizada a partir apenas do conhecimento do léxico e da gramática, ocorre através da relação de processos cognitivos que promovem a compreensão do signo linguístico e da criação do significado baseado na perspectiva de uso linguístico.

3. METODOLOGIA DA PESQUISA

Almejando-se atingir os planos traçados esta pesquisa tem natureza exploratório-descritiva, visto que apresenta como meta explorar, esclarecer e descrever conceitos e ideias. Além disso, adota com procedimento a pesquisa de campo e exhibe uma abordagem qualitativa, sendo portanto, selecionadas as escolas onde foram desenvolvidos os estágios supervisionados do Curso de Letras Libras.

Os instrumentos empregados na coleta de dados foram a pesquisa bibliográfica, a análise documental, a observação participante e a entrevista. Sendo os dois últimos aplicados nas escolas objeto do estágio supervisionado, especialmente em suas salas de aula regular e nas salas de Atendimento Educacional Especializado - AEE.

A pesquisa bibliográfica e a análise documental servem como fonte de coleta, embasamento e aquisição de conhecimento em busca de entender o locus de desenvolvimento da pesquisa, bem como prover subsídio para entender os aspectos linguísticos da língua que se adequem às características e cultura da Libras.

As observações e entrevistas realizadas servem como primordial instrumento de coletada de dados para a verificação de como se dá a abordagem dos aspectos semânticos e pragmáticos da Libras no contexto sala de aula. A partir dos dados coletados, a análise ocorre sob a ótica das condições vivenciadas.

4. RELATO DAS EXPERIÊNCIAS

Os estágios supervisionados ocorrem em sete etapas sendo as quatro primeiras apenas de observação e as três últimas de intervenção e prática docente. Esclarecemos que

toda a prática de estágio aconteceu na Educação Básica onde quatro foram desenvolvidas junto ao Ensino Fundamental e três junto ao Ensino Médio.

4.1 CONTEXTUALIZAÇÃO DAS ESCOLAS

Os estágios tiveram como locos da vivência uma escola municipal de ensino fundamental e uma escola estadual de ensino fundamental e médio: respectivamente, EMEF Professor Durmerval Trigueiro Mendes e EEEF Professora Maria Geny de Sousa Timóteo.

4.1.1 EMEF Professor Durmerval Trigueiro Mendes

A escola situa-se à Avenida 14 de Julho, nº 891, Bairro do Rangel, cidade de João Pessoa, estado de Paraíba, esta foi fundada em 2 de dezembro de 1992, conforme Decreto nº 2384192, reconhecida como instituição Legal de Ensino pela Resolução nº 004/96, possui registro no INEP nº 25092570 e é mantida pela Prefeitura Municipal de João Pessoa. Além disso, ela possui Ato de Criação nº 8996/99 e a Autorização de funcionamento de nº 034/2010.

Esta recebeu o nome do professor Durmerval Trigueiro Mendes em homenagem ao comprometimento deste educador com as mudanças no Sistema Educacional Brasileiro, demonstrado em livro de sua autoria.

Possui estrutura física distribuída em 2 pavimentos, contendo salas de aula, laboratórios de informática e de ciências, sala de dança, sala de apoio pedagógico, banheiros, salas de apoio administrativo, biblioteca, gabinete odontológico, sala de acolhida psicossocial, sala de atendimento educacional especializado (AEE), cozinha, refeitório e ginásio poliesportivo.

Ressalta-se que todas as instalações possuem adaptações a acessibilidade, sendo assim, têm rampas para acesso na entrada da escola e do ginásio, além das rampas de ligação entre os dois pavimentos, os banheiros possuem pelo menos uma cabine adaptada com barras, acento sanitário elevado e porta com abertura invertida. Soma-se a estes fatores a identificação de todos os ambientes com placas contendo a identificação do espaço, seja por nomes e/ou figuras representativas. No entanto, observa-se que não há uma adaptação de acessibilidade ao cego, pois não existem inscrições em braile e nem marcações no piso.

4.1.1.1 O professor de Libras

A escola objeto de estágio possui professor de Libras em seu quadro funcional, porém este não é concursado, pertence ao quadro de prestadores de serviço. Ele é do sexo masculino, possui entre 20 e 30 anos, tem formação superior em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), e é surdo profundo, portanto, possui a Libras como língua nativa, porém está fazendo o curso de graduação em Licenciatura em Letras Libras pela UFPB.

O professor atua exclusivamente lecionando a disciplina de Libras, mas é bilíngue e possui formação para atuar com a educação básica em suas séries iniciais. O contrato de trabalho é estabelecido com carga horária de 40 horas sendo exercidas nos turnos da manhã e tarde e 26 horas em sala de aula e 14 horas em atendimento aos surdos no AEE.

O professor de Libras também participa das atividades de planejamento da escola, porém quando questionado se há interação dos demais professores com ele e se ele participa ativamente das atividades de planejamento a resposta dele é negativa, e ele diz que isto ocorre, pois, os demais professores e corpo técnico, em sua maioria, não dominam a Libras.

4.1.1.2 Caracterização dos alunos

Nesta instituição há prestação de serviço educacional em nível fundamental, nos 3 turnos, sendo o turno da manhã dedicado ao ensino fundamental I (1º ao 5º ano), o turno da tarde ao ensino fundamental II (6º ao 9º ano) e o turno da noite ao EJA.

Atualmente a escola conta com 947 alunos distribuídos em 33 turmas nos três turnos. Observou-se que as salas são mistas, possuindo meninos e meninas e atualmente em toda escola existem apenas sete alunos surdos sendo quatro meninos e três meninas. Verificou-se que estes alunos surdos encontram-se fora de faixa possuindo entre 15 e 8 anos, porém, interagem de forma satisfatória com os colegas. No caso específico da aula de Libras eles demonstram-se extremamente participativos e auxiliam os colegas na elaboração dos sinais. Além disso, eles também se demonstram motivados a realizar as atividades propostas na aula sempre dispostos a fazer os exercícios. Vê-se ainda que os alunos possuem grande identificação com o professor de Libras, e que esta amizade e atenção é retribuída. Salienta-se que a escola também recebe alunos autistas, com deficiência motora, visual e outras necessidades sem diagnóstico definido.

4.1.2 EEEF Professora Maria Geny de Sousa Timóteo

Está situada à Rua Monsenhor Walfredo Leal, nº 551, Bairro de Tambiá, cidade de João Pessoa, estado de Paraíba, foi fundada em 2 de agosto de 1958, conforme Ato de Criação nº 1271 de 21 de fevereiro de 1958 e é mantida pelo Governo do Estado da Paraíba. Além disso, ela possui Ato de Autorização de funcionamento de nº 274/1982 publicado em 09 de novembro de 1982.

A escola recebeu inicialmente o nome Escola Experimental do Centro de Orientação e Pesquisas Educacionais – COPE, a partir de 1972 passou a se chamar Escola Milton Campos, e somente em 23 de outubro de 1975, recebeu o nome da professora Maria Geny de Sousa Timóteo em homenagem a uma professora que também foi diretoria da referida escola.

Possui estrutura física distribuída em 2 pavimentos, sendo estes térreo e 1º andar. Encontram-se salas de aula, biblioteca, sala de apoio pedagógico, sala de vídeo, banheiros, sala de apoio administrativo, laboratório de informática, cozinha, refeitório e ginásio poliesportivo descoberto.

Observa-se que nem todas as instalações possuem adaptações à acessibilidade, sendo assim, apenas as instalações existentes no pavimento térreo possuem rampas para acesso. No que se refere aos banheiros, estes possuem pelo menos uma cabine adaptada com barras, acento sanitário elevado e porta com abertura invertida. Vê-se ainda que a maioria dos ambientes são identificados com placas contendo a identificação do espaço, seja por nomes e/ou figuras representativas. No entanto, observa-se que não há uma adaptação de acessibilidade ao cego, pois não existem inscrições em braile e nem marcações no piso.

4.1.2.1 O professor de Libras

A escola possui dois professores de Libras em seu quadro funcional, porém estes não são concursados, pertence ao quadro de prestadores de serviço. Eles são do sexo masculino, um possui entre 20 e 30 anos, identificado como Prof A, e o outro entre 30 e 40 anos, identificado com Prof B.

O Prof A tem formação superior em Pedagogia pela Universidade Vale do Acaraú (UVA), e é surdo profundo, portanto, possui a Libras como língua nativa, no entanto está fazendo o curso de graduação em Licenciatura em Letras Libras pela UFPB Virtual, polo de João Pessoa. Ele atua exclusivamente lecionando a disciplina de Libras, porém é bilíngue e possui formação para atuar com a educação básica em suas séries iniciais. O contrato de

trabalho é estabelecido para ministrar as aulas de Libras e atuar em atendimento aos surdos no AEE.

O Prof B tem formação superior em Letras Libras pela Universidade Federal de Santa Catarina, concluída em 2011. Ele trabalha atualmente em mais de uma escola, e na escola objeto do estágio, trabalha apenas à noite, junto às turmas de 1º ao 3º ano do EJA. Assim como o Prof A, o Prof B atua exclusivamente lecionando a disciplina de Libras, porém também é bilíngue.

Ambos participam das atividades de planejamento da escola, porém quando questionados se há interação dos demais professores com eles e se eles participam ativamente das atividades de planejamento a resposta é negativa. Acredita-se que isto ocorre, pois, os demais professores e corpo técnico, em sua maioria, não dominam a Libras.

Consequentemente, eles desenvolvem participação incipiente no planejamento. Assim também acontece com relação à busca por auxílio visando montar estratégias para um melhor atendimento dos surdos. Portanto, as ações de planejamento destes professores se resumem ao planejamento da disciplina de Libras através da organização do material, do currículo e da seleção de conteúdos.

4.1.2.2 Caracterização dos alunos

A escola presta serviço educacional em nível fundamental, nos 3 turnos, sendo o turno da manhã dedicado ao ensino fundamental II, do 8º e 9º ano, o turno da tarde, também ao ensino fundamental II, porém apenas aos 6º e 7º ano e o turno da noite ao fundamental II 7ª e 8ª série na modalidade EJA, e ao ensino médio do 1º ao 3º ano na modalidade EJA.

Atualmente a escola conta com 1013 alunos, destes 9 são surdos. Observou-se que todas as salas do ensino médio são mistas, possuindo meninos e meninas, com idade superior a dezoito anos. Vê-se que os alunos possuem curiosidade em relação à surdez e a Libras, e com o auxílio de um intérprete fazem questionamentos ao professor e este responde prontamente. Os alunos possuem em geral um bom relacionamento com o professor de Libras, no entanto, como a aula não faz parte do currículo, observa-se que alguns alunos não permanecem em sala na aula de Libras. Aqueles que continuam em sala sempre que motivados buscam se comunicar com o professor e demonstram interesse em aprender a língua.

4.2 RESULTADOS DA PESQUISA

4.2.1 EMEF Professor Durmerval Trigueiro Mendes

Os estágios nesta escola, como dito anteriormente, foram desenvolvidos em quatro etapas. As duas primeiras foram etapas de acompanhamento e observação o professor de Libras, enquanto que as duas últimas foram compostas de práticas docentes e intervenção.

Constatou-se, na primeira etapa do estágio, que a proposta trabalhada pelo professor é o ensino dos sinais, apresentados de forma isolada e dividindo-os em grupos tais como: animais, meios de transporte, família, frutas, entre outros. As aulas seguem sempre uma mesma estrutura que é a exposição de cartaz com figuras representativas dos objetos pertencentes ao grupo em questão, apresentação dos itens, e o respectivo sinal. Destaca-se que não foram identificados a abordagem das relações sintática, semântica e pragmática da Libras. Neste momento foram apenas abordados aspectos fonológicos e morfológicos, apesar de esta informação não ser exposta aos alunos.

A segunda etapa tinha como proposta a observação do uso da literatura visual da Libras no Ensino Fundamental. A proposta foi desenvolvida através do gênero textual ‘fábula’ a partir da tradução da história infantil “O Patinho Feio”, onde esta era apresentada com personagens que sinalizavam e tinha um narrador que contava, em português, a história e também aparecia a legenda, em português.

A aula foi estruturada através da exposição do filme, onde se percebeu que a temática foi inserida a partir da introdução dos sinais dos animais que foram encontrados no filme. No entanto, não houve questionamentos sobre o entendimento da história, não abordando os aspectos semânticos e pragmáticos da língua de sinais.

A terceira etapa vivenciada nesta escola foi através da prática docente onde houve a intervenção em sala de aula. Neste momento foi trabalhada uma temática específica, abordando principalmente os aspectos fonológicos e morfológicos da Libras. No entanto, como foi utilizado o tema “frutas” e optou-se por relacionar a associação da figura, nome em português e sinal em Libras. Diante deste aspecto aproveitou-se para abordar os aspectos semânticos relacionados à palavra “manga” em português e os seus diferentes significados, tais como, manga/fruta e manga/roupa. Sob esta perspectiva introduziu-se o tratamento da semântica e pragmática no processo de tradução e interpretação da Língua Portuguesa/Libras e Libras/Língua Portuguesa.

Outra aspecto a ser ressaltado nesta etapa é a variação linguística encontrada na Libras. Tal fato se faz presente em face de apresentação de sinais que eram conhecidos com configuração de mãos, movimento, orientação e direção diferentes.

Por fim, a última etapa, que foi a intervenção através da prática docente utilizando a Literatura Visual da Libras. A aula teve como temática a fábula “Os três Porquinhos” traduzida para Libras. Observou-se que a utilização da literatura visual desperta o interesse dos alunos e que esta é uma importante ferramenta para a abordagem para os aspectos linguísticos da língua com ênfase da semântica e pragmática.

Esta abordagem foi trabalhada através da observação de que os alunos entenderam a história e por meio das respostas obtidas frente a questionamentos realizados, tais como:

- Qual a casa mais forte e segura?
- Qual o porquinho mais inteligente?
- A preguiça não é ruim nas nossas vidas.

Assim pode-se introduzir de forma lúdica, através do uso da literatura visual, os conceitos e sinais da Libras, além de trabalhar a variação linguística e também a semântica e pragmática, por meio do entendimento da história e da percepção e interpretação subjetiva dos conceitos apresentados na história.

4.2.2 EEEF Professora Maria Geny de Sousa Timóteo

Os estágios nesta escola, como dito anteriormente, foram desenvolvidos em três etapas. As duas primeiras foram etapas de acompanhamento e observação dos professores de Libras, enquanto que a última foi composta de prática docente.

Constatou-se que a proposta trabalhada pelo professor é o ensino dos sinais e da cultura surda, apresentando-os de forma isolada e dividindo-os em grupos, semelhante a didática utilizada no ensino fundamental, ou seja, por meio da utilização de sinais agrupados por tema, tais como: alfabeto, animais, meios de transporte, família, frutas, entre outros. Consequentemente não foram identificados a abordagem das relações sintática, semântica e pragmática da Libras.

A segunda etapa tinha como proposta a observação do uso da literatura visual da Libras no Ensino Médio. A proposta foi desenvolvida através do gênero textual ‘fábula’ a partir da tradução da história infantil “O Patinho Feio”, tal como ocorreu no Ensino Fundamental. A aula foi estruturada através da exposição do filme e posteriormente sobre discussão do que foi entendido. Neste sentido, houve um estímulo à discussão sobre o tema e

percebeu-se que os alunos surdos faziam relação ao processo de exclusão do personagem assim como ocorrem com eles, os surdos, em relação à sociedade.

Diante do exposto, pode-se dizer que mesmo que não abordando o assunto de forma direta, há um tratamento dos aspectos semânticos e pragmáticos da língua, visto que, trabalha-se o entendimento do que está sendo apresentado, da interpretação do discurso e da relação com o mundo.

A terceira etapa vivenciada nesta escola foi através da prática docente onde houve a intervenção em sala de aula. Neste momento foi trabalhada uma temática específica, abordando principalmente os aspectos fonológicos e morfológicos da Libras. Foi utilizado o tema “animais” e optou-se por relacionar a associação da figura, nome em português e sinal em Libras. Diante deste aspecto aproveitou-se para abordar os aspectos semânticos e pragmáticos da Libras através da apresentação do gênero textual piada com o tema animais.

Através deste vídeo verificou-se a aprendizagem dos sinais propostos e a percepção da compreensão do discurso apresentado por meio da compreensão da mensagem.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os estudos linguísticos, como vistos anteriormente, são compostos comumente em fonológicos, morfológicos, sintáticos, semânticos e pragmáticos porque a língua tem todas essas componentes, devendo ser analisada e ensinada integralmente. No entanto, o que observamos nos estágios foi que principalmente a semântica e pragmática são negligenciados no ato da prática docente de ensino da Libras.

A experiência e formação dos e nos estágios supervisionados apresentam-se de forma relevante na construção do saber linguístico, pois alia a teoria com a prática profissional, sendo, portanto, de grande valia para a formação acadêmica. Através das práticas realizadas no curso de Letras-Libras foi possível a verificação da quantidade de desafios e obstáculos que se colocam na atividade profissional do professor de Libras.

As ações realizadas e descritas ao longo dos estágios conseguiram atingir os objetivos propostos que foram o de conhecer a realidade de uma escola que possui o ensino da Libras na sua grade curricular. Essas permitiram identificar o modo pelo qual se dá esta prática docente, utilizando procedimentos de observação e intervenção em sala de aula. Em busca disso, houve o contato com o professor de Libras, com o corpo gestor e com a sala de aula, bem como, foi ministrada aula em turma regular com a finalidade de observar a perspectiva do ensino da Libras como L1 e L2.

Diante do observado, ressaltamos a importância do engajamento do corpo gestor e docente da escola em realmente ter a Libras como disciplina obrigatória e formação específica. Atualmente, apesar de ela fazer parte de alguns currículos dos alunos, entendemos que ela não é encarada da mesma forma que as demais disciplinas, visto que, não possui livro didático associado, bem como não sofre nenhum processo avaliativo.

Outro aspecto a ser citado é sobre como o ensino da Libras no ensino Médio faz uso da literatura visual. Sabe-se que a Libras é uma língua gesto-visual e por isso a perspectiva visual das técnicas, metodologias e recursos utilizados no planejamento da aula devem receber atenção diferenciada. Assim, o uso da Literatura Visual é um ótimo recurso no ensino da língua. No entanto, cabe a ressalva que a literatura visual a ser apresentada deve acompanhar o nível de escolaridade e faixa etária dos alunos. Este fato é destacado porque o mesmo tema usado em aulas dos professores no Ensino Fundamental foi usado no Ensino Médio. Sabemos que o conhecimento de mundo destes públicos é diferenciado e que devemos planejar as ações docentes de acordo com os discentes. Além disso, outro papel a ser desenvolvido pelo professor é ampliar os conhecimentos e apoiar o desenvolvimento crítico dos seus alunos.

Cabe ainda destacamos que a língua não deve ser ensinada apenas nos níveis fonológicos, morfológicos e sintáticos, ela deve ser ensinada valendo-se de todos os componentes linguísticos, não os gramaticais e também os lexicais. E sob esta perspectiva destacamos a importância da semântica e pragmática como formas de ampliar o conhecimento de mundo do cidadão, bem como, do desenvolvimento do pensamento crítico e da compreensão da língua.

Concluimos, portanto, que o estágio foi de grande valia para a formação acadêmica e profissional, principalmente diante da percepção das dificuldades encontradas na realidade das escolas públicas de João Pessoa/PB. Assim, ressaltamos que com formação adequada, empenho e criatividade a realidade da educação brasileira e, principalmente, o direito do surdo em ter educação na sua língua nativa podem ser melhorados.

REFERÊNCIAS

BERNARDINO, E. L. *A construção da referência por surdos na LIBRAS e no português escrito: a lógica no absurdo*. Dissertação (Mestrado em Letras) – UFMG, Minas Gerais, 1999. Disponível em: < <http://www.lettras.ufmg.br/profs/elidea/data1/arquivos/Bernardino-Elidea-1999.pdf> > Acesso em 28 set. 2013.

- BOLGUERONI, Thais. VIOTTI, Evani. *Referência Nominal em Língua de Sinais Brasileira*. Todas as Letras U, v. 15, n. 1, 2013. Disponível em: <editorarevistas.mackenzie.br/index.php/tl/article/download/5270/4108> Acesso em: 25 set. 2013
- CALLOU, D.; LEITE, Y. *Iniciação à fonética e fonologia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.
- CHOI, D.; VIEIRA, M. I. da S.; OLIVEIRA, P. R. G. de; Nakasato, R. In: PEREIRA, M. C. da C. (org.). *Libras: conhecimento além dos sinais*. 1ª ed. São Paulo: Person Prentice Hall, 2011.
- FARIA, E. M. B. de; ASSIS, M. C. de. *Língua Portuguesa e Libras: teorias e práticas*. João Pessoa: Editora da UFPB, 2012.
- FELIPE, T. *Libras em contexto: Curso básico. Manual do professor/instrutor*. Brasília: Programa Nacional de Apoio à Educação dos Surdos, MEC, SEESP, 2001.
- FERREIRA-BRITO, Lucinda. *Por uma gramática de Línguas de Sinais*. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1995.
- FIORIN, J. L. *Introdução à Linguística II: princípios de análise*. 5ª ed. São Paulo: Contexto, 2010.
- GARCIA, E. de C. *Libras: o silêncio que fala*. In: CONGRESSO DE LEITURA DO BRASIL, 17., 2009, Campinas. Anais do 17º COLE, Campinas, SP, ALB, 2009. Disponível em: <http://alb.com.br/arquivo-morto/edicoes_antteriores/anais17/txtcompletos/sem13/COLE_2597.pdf> Acesso em: 22 set. 2013. ISSN: 2175-0939
- GRASSI, D. Zanoni, G. G. Valentin, S. M. L. *Língua Brasileira de Sinais: aspectos linguísticos e culturais*. Revista Trama, v. 7, n. 14, 2011, p. 57 – 68.
- MARCUSCHI, I. A. *Aspectos Linguísticos, Sociais e Cognitivos na Produção de Sentido*. Revista do GELNE, Ano 1, nº 1, Recife: UFPE, 1999
- QUADROS, R. M; KARNOPP, L. B. *Língua de sinais brasileira: estudos linguísticos*. Porto Alegre: Artmed, 2004.
- SAUSSURE, Ferdinand de. In: BALLY, C; SECHEHAYE, A. (org.). *Curso de Linguística Geral*. 27ª ed. São Paulo: Cultrix, 2006.
- SILVA, Marília da P. M. *A Semântica como Negociação dos Significados em Libras*, Unicamp, 2006. Disponível em: <<http://www.iel.unicamp.br/revista/index.php/tla/article/view/1954>> Acesso em: 25 set. 2013
- SOUZA, D. V. C. *Um Olhar sobre os Aspectos Linguísticos da Língua Brasileira de Sinais*. LITTERA ONLINE, v. 1, n. 2, 2010. Disponível em: <<http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/littera/article/viewFile/299/227>> Acesso em: 28 set. 2013.